

## INTRODUÇÃO

---

*Deus existe?* Ontem como hoje, homens e mulheres de todos os tempos, sobretudo perante as suas dificuldades e fragilidades, têm colocado esta questão. Fizeram-no grandes santos e pecadores, crentes e ateus, intelectuais e pessoas simples.

É uma pergunta que encontra no cristianismo as máximas abrangência e plenitude, porque o cristianismo pretende, precisamente, afirmar que a existência objetiva de Deus não depende de uma convicção pessoal e subjetiva, ideal e emotiva, mas de uma experiência real, sensível e inteligível. A fé nasce de um acontecimento que a todos apanha de surpresa e enche de assombro. Com efeito, o cristianismo é a religião do Verbo que Se faz carne e vem habitar entre nós (cf. Jo 1, 14), a sua credibilidade depende da possibilidade de sentirmos a presença de Deus, d'Aquele que, no princípio, era o Verbo e que depois Se fez carne: «A Deus jamais alguém o viu. O Filho Unigénito, que é Deus e está no seio do Pai, foi Ele quem o deu a conhecer» (Jo 1, 18). A necessidade de verificar a existência de Deus coloca-se naturalmente no cristianismo, que, antes de ser uma religião, é um acontecimento ou, como gostava de afirmar o meu saudoso amigo cardeal Giacomo Biffí, é «um acontecimento, o acontecimento do Filho de Deus que entra na história, que morre e ressuscita por nós». Não se pode acreditar

no Deus Único e Verdadeiro sem se conhecer o seu Filho. Com o nascimento de Jesus, Deus concedeu uma nova e extraordinária possibilidade ao homem: conhecê-l’O a Ele, ou seja, verificar a sua existência e a sua presença real na nossa vida.

Como afirma a constituição dogmática sobre a Revelação Divina *Dei Verbum*: «Aproveu a Deus, na sua bondade e sabedoria, revelar-Se a Si mesmo e manifestar o mistério da sua vontade (cf. Ef 1,9), segundo o qual os homens, por meio de Cristo, Verbo encarnado, têm acesso ao Pai, no Espírito Santo, e se tornam participantes da natureza divina (cf. Ef 2,18; 2Pe 1, 4). De facto, com esta Revelação, Deus invisível (cf. Cl 1,15; 1Tm 1,17), na riqueza do seu amor, fala aos homens como a amigos (cf. Ex 33, 11; Jo 15, 14-15) e convive com eles (cf. Br 3, 38), convidando-os e admitindo-os à comunhão Consigo».

Sempre me fascinou a ideia de Deus, comovido pelo desejo do homem de poder vê-l’O, a certa altura ter decidido revelar-Se através do seu Filho. No Antigo Testamento está constantemente presente o desejo do povo hebraico de ver a Deus, de poder encontrá-l’O, e Deus, em várias ocasiões, responde a essa necessidade do homem mostrando-Se sob a forma de sarça ardente (cf. Ex 3, 2-3) ou de nuvem (cf. Ex 24, 15-18; 33, 9-10; 40, 36-38). Deus manifesta-Se através das teofanias – do grego *theophâneia*, de *Theos* (Deus) e *phàinein* (manifestar-se) –, isto é, revela-Se de modo sensível ao homem sem contudo mostrar o seu rosto. Por conseguinte, na Antiga Aliança já está presente a semente que dará vida à Nova Aliança, o Verbo que Se faz carne, numa relação sensível entre Deus e o homem que se cumpre no nascimento de Cristo, o Filho de Deus.

Deus criou o homem, e o homem, tendo sido criado por Deus, para acreditar n’Ele precisa de vê-l’O, de sentir a sua presença.

Não se trata de fazer especulações teóricas ou filosóficas, nem de nos iludirmos pensando que uma entidade abstrata está presente na nossa mente ou no nosso coração, confundindo-se com o nada que nos rodeia.

Trata-se de observar a realidade, isto é, de sentir e ver e ter a certeza razoável de que aquilo que é invisível também existe.

A percepção da realidade objetiva que nos rodeia, feita, inclusive, de relações com as pessoas com quem nos encontramos, impele o

nosso coração e a nossa mente para *algo mais* que esperamos desde sempre e que, de repente, se mostra com toda a sua beleza de forma maravilhosa: «Para que falta remete, coração, esta falta de que te enches subitamente? Para que falta? Rompido o dique, ela inunda-te e submerge-te» (Mario Luzi). Assim, ficamos maravilhados e estupefactos, petrificados, «bloqueados» por um instante por esse *algo mais* que recorda uma eternidade conhecida e esquecida. É esta a beleza que salvará o mundo, profetizada pelo príncipe Mishkin em *O Idiota* de Dostoievski, depois de ter sido acusado por Ippólít de estar, pura e simplesmente, enamorado. Não, não se trata de um sentimento, de uma ilusão ou de uma ideia. Trata-se de um encontro, da descoberta de que Deus existe.

No episódio evangélico da pecadora que lava os pés de Jesus com as suas lágrimas e os enxuga com os seus cabelos, perfumando-os em seguida (cf. Lc 7, 36-50), é evidente que a conversão da mulher se dá graças ao seu encontro com Jesus. Ela não sabe que Jesus é o Filho de Deus e, apesar disso, tem um ato de fé e de grande amor em relação a Ele. Desse encontro sensível brota um gesto de amor, brota a sua conversão, brota nela a fé.

Neste livro, fiz ao cardeal Sarah muitas perguntas sobre a existência e a presença real de Deus na nossa vida, sobre o seu silêncio aparente, sobre a morte, o sofrimento, a dor, a alegria e muitas outras coisas. Creio que hoje, talvez mais do que ontem, todos temos uma forte necessidade de respostas, respostas claras, fundamentadas e iluminadas pela Sagrada Escritura, de testemunhos tangíveis, de encontros que revelem a existência e a presença visível de Deus. Como em Zaquieu, há em nós o desejo de verdade e de plenitude, precisamos de «ver Cristo» para preencher aquela «falta» que nos recorda constantemente que Deus existe. Vladimir Soloviov define-a como «a infinitude da alma humana, que não permite que o homem se detenha para sempre e se contente com algo parcial, irrisório e incompleto, mas o impele a voar e a procurar uma vida plena, universal, perene, a identificar-se com uma causa válida para todos os homens em todo o mundo» (*Três Discursos sobre Dostoievski*).

Pedi ao cardeal Sarah que escrevesse este livro por estar convencido de que, numa época em que muitos decretam o fim do cristianismo

e a deposição de Deus, num tempo em que o homem naufraga na ilusão de um novo sentido para a vida, marcado pelo provisório e pelo compulsivo, que tudo agarra sem nada possuir de verdade, um homem da Igreja como ele e um leigo como eu somos responsáveis por aquelas «minorias criativas, isto é, por homens que, encontrando-se com Cristo, encontraram a pérola preciosa, aquela que dá valor a toda a vida», que o Papa Bento XVI tanto prezava.

Agradeço, portanto, ao cardeal Robert Sarah a amizade e a estima que me concede e a sua aceitação deste empreendimento, com a consciência partilhada de que nada depende de nós.

«O Senhor tudo fará por mim!

Ó Senhor, o teu amor é eterno!

Não abandones a obra das tuas mãos!» (Sl 138,8)

*David Cantagalli*